**PARA ALÉM DE UMA PALAVRA: A AMAZÔNIA COMO UMA DEFINIÇÃO REDUCIONISTA**

Karolaine da Silva Oliveira[[1]](#footnote-1)

**Resumo**

A Amazônia é um lugar vasto, rica em elementos culturais, dentre outros aspectos que a fazem conhecida. Entretanto, ao ser cunhada por Amazônia esse local foi reduzido a uma extensão territorial, possuidora de recursos para o combustível do capitalismo, mostrando que a palavra Amazônia não diz o suficiente, ou de fato “coisa alguma”. Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo apresentar a Amazônia para além do seu próprio nome, contextualizando-a como um lugar histórico social de vivências, para isso utiliza-se um embasamento teórico metodológico de análise bibliográfico, ancorada nos autores Gerson Albuquerque (2016) e Viviane Mosé (2018), dentre outros, por abordarem as palavras como incapazes de definir e explicar tanto lugares como pessoas. Assim, convidamos o leitor a refletir a “Amazônia” para além de sua palavra, pois os resultados alcançados com a feitura do trabalho demonstra que essa palavra é insuficiente para defini-la.

**Palavras-chave**: Amazônia. Amazônialismo. Palavra.

***Retrato do artista quando coisa***

*Palavras que me aceitam*

*como sou*

*— eu não aceito.*

*[...]*

*Perdoai. Mas eu*

*preciso ser Outros.*

*[...]*

*(Manoel de Barros)*

Ao pensarmos em Amazônia naturalmente nos vem a mente o espaço geográfico demarcado por fronteiras, se imaginarmos um pouco mais conseguimos visualizar bem do alto uma floresta verde cortada por um rio serpenteado, e ao olharmos microscopicamente para nossa imaginação conseguiremos visualizar pessoas simples, partindo da descrição egocêntrica veremos pessoas simplórias e paupérrimas. E desse modo temos a Amazônia, na verdade temos em nós a sua representação, fundada desde a chegada daqueles vindos de fora. Essa Amazônia ao qual conhecemos, teve início em meados do século XVI, e explorada a partir do século XVII, mais especificamente em 1616. A partir daí, essas terras foram descritas através da ótica do outro, descrições que perpassaram o século da colonização, feitas por homens possuidores de suas próprias culturas e compreensões de mundo.

Primeiro foram os religiosos, seguidos pelos naturalistas dos fins do século XVIII e XIX. Enquanto os primeiros “naufragaram” em seus próprios mitos, os segundos acharam estar salvos das fantasias graças à ciência. Entretanto, Costa (2013) nos demonstra em seus estudos que até mesmo esses naturalistas estiveram sujeitos à reproduções de equívocos, eles, assim como os cronistas religiosos, produziram discursos deslegitimantes, e estiveram imersos nas influências do período temporal ao qual estavam vivendo. Já os militares e demais, continuaram com o projeto de explorar e desenvolver a Amazônia, assim esse espaço sempre esteve sujeito aos interesses de outrem , definido a partir de sua utilidade. Por ter essas definições e sentir a necessidade de saber, o presente trabalho possui como intuito responder a seguinte questão: “O que é a Amazônia?”, para isso serão utilizados estudiosos para nós dar o embasamento necessário para tentarmos entender esse espaço tão múltiplo e diverso, mas ao mesmo tempo reduzido a palavra.

Para entendermos o porquê de conhecermos a Amazônia tal qual a conhecemos hoje se faz necessário uma retomada ao período da chegada dos naturalistas à esse espaço. Esses homens chegaram envoltos pela modernidade, carregados de um dualismo simplista e excludente, enclausurando os saberes e vivências dos habitantes das terras amazônicas como bárbaros e civilizados; moderno e velho. Criticando tanto os seres, como a natureza, sendo todos necessitados de modificação. Se antes essas terras eram valiosas para a extração de riquezas e exploração de negros e indígenas, nos séculos seguintes seria imprescindível a sua mudança física e de uso, com a abertura de estradas. A Amazônia já não seria vista como um paraíso celestial, mas sim o “paraíso científico dos naturalistas”, encontraria a verdade no físico, e não mais nas escrituras sagradas. A ciência, assim como a religião, acabou por contribuir para que a Amazônia se tornar-se um mero discurso, sendo definida por Albuquerque (2016), de Amazonialismo.

O Amazonialismo é justamente essa Amazônia inventada no período entre os séculos XVI e XIX, tendo como uma de suas características ser homogênea. Ela foi criada a partir das epistemologias colônias, tendo em vista os saberes visões de mundo, culturas e valores dos próprios colonizadores. A Amazônia homogênea aos olhos deles ignorou as múltiplas vivências daqueles que a habitavam, as línguas, culturas e relações com o espaço físico. Albuquerque (2016), salienta a violência desse apagamento, não ocorrendo de modo pacífico, mas com extrema violência, causando as chamadas “igualdades fabricadas”. Mesmo sendo tão rico, o definido por Amazônia passou a ser visto como um espaço vazio de humanidade, estando à disposição para ser ocupado por homens imbuídos do progresso. Para além desse esvaziamento, a Amazônia não ficou livre da chamada “fratura global” entre Norte e Sul, por estar Localizada no imposto por lado Sul ela foi diminuída economicamente, politicamente e culturalmente.

Com a definição dessa Amazônia os povos tiveram a imposição de “identidades essencializadas”, suas singularidades foram encapsuladas em igualdades universais. Ainda segundo Albuquerque (2016), os sujeitos alocados no chamado Sul foram tidos como não modernos, incivilizados, não existentes e invisíveis, ou seja, a Amazônia ao qual conhecemos, é apenas o resultado do projeto colonial moderno, não passa de uma representação equivocada construída pretensiosamente ao longo de séculos. Por entender representação a partir do dito por Chartier (2002), sendo frutos da mente humana interligados às vivências sociais, podemos entender a Amazônia como um projeto criado intencionalmente estando de acordo com as compreensões de mundo daqueles que criaram essa representação. Desse modo, a humanidade nela presente foi invisibilizada, pelo o interesse da expansão religiosa, econômica e política ao longo dos séculos XVI ao XXI. A representação criada sobre esse espaço abraçou a universalidade, apagando as singularidades por aqui existentes, é interessante o fato dessa representação ser criação da ciência e razão, embora considerada como a feitora da verdade, a ciência é apenas aquele ponto de vista que se sobressaiu aos demais.

A partir disso somente entendemos a Amazônia a partir de “palavras fundadoras de sentidos”, incorporadas e naturalizadas ao longo dos anos, com o intuito de trazer uma verdade absoluta desse espaço, assim o conhecido por Amazônia não passa de um conceito abstrato e reducionista. Mosé (2018), a partir de Nietzsch, nos explica o conceituar como ato de simplificar e reduzir, ao mesmo modo do representar, conceituar é buscar dar valor a algo a partir da criação da identidade. Quando nomeamos impomos sobre algo uma verdade reducionista e concreta, estamos tentando chegar a tão cobiçada verdade daquele espaço e ser, ou seja, as palavras acabam por negar as diferenças existentes, pois são incapazes de descrever o existente com exatidão.

Se a Amazônia é um conceito, logo podemos chegar a conclusão que a Amazônia não existe. Afinal “os conceitos , assim como as palavras, são resíduos de metáforas, são metáforas mortas, fixadas pela necessidade de identidade.” (Mosé, 2018, p. 59) O conceito parte da necessidade humana de encontrar uma verdade absoluta sobre tudo que o cerca, na necessidade de definir a Amazônia, acabou-se por criar um espaço ilusório, pois as verdades são ilusões esquecidas, “o ser humano, da mesma forma que os corpos, tem necessidade da ilusão, por isso cria a verdade. A verdade é uma ilusão que não quer explicitar que é ilusão, então a verdade é uma mentira”. (Mosé, 2018, p.63). Isso se comprova quando lembramos das expressões “inferno verde”, “terra sem homens, para homens sem terra”, “pulmão do mundo” dentre outras, se criaram ilusões sobre o espaço para a esse modo tornar-se real.

É de suma importância entender as identidades amazônicas como atos de violências, porque toda identidade é uma interpretação de outrem, e toda interpretação, segundo Nietzch, é uma imposição de violência. “A identidade somente existe na linguagem. E é a linguagem que permite a construção da ficção de outro mundo, um mundo de identidades estáveis, de coisas e sujeitos, de valores eternos.” (Mosé, 2018, p.76). Não é possível existir identidade, pois somos fluidos como a água, mudamos diante das circunstâncias, é de uma gigantesca ofensa pensar que todo sujeito do mesmo povo possui uma única identidade, e ainda por cima sendo estática, universalizar é encaixotar, prender diferentes em espaços iguais, a identidade é um fardo sufocante. Por isso, podemos compreender o conceito, identidade, representação e verdade da Amazônia como irreal, sem a capacidade de descrever o espaço nomeado de Amazônia, pois todas as palavras utilizadas, apenas exprimem uma verdade inexistente e consequentemente uma negação dos seres humanos e tudo o mais alocado naquele lugar, afinal “a ideia de verdade representa, para Nietzsche, a tentativa de negação da vida, por se tratar de uma interpretação que quer deter a interpretação.” (Mosé, 2018, p.78).

Se quisermos saber o que é a Amazônia não devemos procura-la nas palavras, pois a própria palavra “Amazônia|” nada diz, afinal suscita em nós resultados de silenciamentos de pessoas, animais, plantas, minerais e tudo o mais existente no espaço limitado ao qual foi nomeado de Amazônia. Essa pequena palavra corta de nós a chance de conhecer o que existiu e o existente, ela nos sangra, e mesmo metaforicamente, nos faz perder com intensidade, por nos tirar o direito de conhecer os nossos outros, sendo eles indígenas ribeirinhos, seringueiros e todos os sujeitos que à ela chegam, ficam ou passam.

A Amazônia é múltipla e diversa, isso porque é o lugar de morada de existências e resistências, assim ele não pode ser conceituada, sem acabar por reduzir essa grandiosidade. Quando me pergunta “o que é a Amazônia?” não posso respondê-lo de modo correto, pois independente da resposta estarei por deixar partes de fora, deixando existências passarem despercebidas, cometendo o mesmo erro dos homens letrados. Porém, para ser possível responder à essa questão do modo mais acertado preciso mudar primeiro a mim mesma, preciso transfundir meu pensar acadêmico de observadora para o meu corpo de sujeita vivente desse espaço definido por amazônico. Preciso mudar minha escrita linear, cronológica e evolucionista, pois busca a todo custo uma diferença entre o passado e o presente, como se a humanidade somente fosse útil e possível se viver constantemente no progresso. Para Albuquerque (2015), a ordem natural dessa escrita da história da Amazônia apagou a multiplicidade cultural, linguística, ambiental, étnica e social da região, ou seja, aqueles que eternizam as palavras nos trabalhos acadêmicos também contribuem para a existência dessa Amazônia inexistente. É importante ver esse espaço como resultado de ações humanas ao longo de 10 000 anos, a Amazônia foi transformada por homens e mulheres. Cada parte da imensa floresta e os rios, foram modificados e até mesmo interpretados pelas populações dela residentes. Então, a definição de Amazônia não corrobora com a sua existência.

Mas então como responder a essa questão tão necessária para o momento? A Amazônia é capaz de se definir por si mesma, para sermos capaz de entendê-la precisamos antes nos entender como sujeitos cosmológicos, e não apenas epistêmicos, temos de ser capazes de nos ver como partes da terra, tendo o pensamento fluido como as águas dos rios amazônicos. Para entendê-la é preciso sentir o cheiro de suas cores, tal qual as crianças de Manoel de Barros, é preciso ser inconformado, é preciso ser revoltado contra a palavra que insiste em responder verdadeiramente “o que é o que é?”. Palavra não diz, palavra esconde, nenhuma palavra daqui foi capaz de dizer o que de fato é a Amazônia.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Gerson. Amazonialismo. ALBUQUERQUE, Gerson; PACHECO, Agenor Sarraf. **Uwa’kürü:** dicionário analítico. Rio Branco: Nepan. 2016

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002. 2ª ed

COSTA, H. **Cultura, trabalho e luta social na Amazônia**: discursos dos viajantes –

século XIX. Manaus: Editora Valer, 2013.

História e Historiografia do Acre: Notas Sobre os Silêncios e a Lógica do Progresso. Gerson Rodrigues de Albuquerque. **Tropos.** Vol. 1. Núm. 4. Ed. 2015

BARROS, Manoel. **Memórias inventadas**: A infância. São Paulo: Planeta, 2023.

Mosé, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2018.

1. Licenciada em História, pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Mestranda no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Acre (PPGLI/ UFAC). [↑](#footnote-ref-1)